

ARTIGOS

HISTÓRIA E SOCIOLOGIA (*).

Algumas observações prévias para situar êste capítulo. Entendo aqui por **sociologia**, muitas vêzes, senão quase sempre, aquela ciência global que Émile Durkheim e François Simiand pretendiam constituir no comêço dêste século — aquela ciência que ainda não é, mas para a qual não deixará de tender, ainda que nunca venha a realizar plenamente tal objetivo. Por **história**, entendo eu uma investigação cientificamente conduzida, digamos mesmo uma **ciência**, mas complexa: não há uma só história, uma só maneira de ser historiador, mas diversas maneiras, diversas histórias, um acervo de curiosidades, de pontos de vista, de possibilidades, aos quais, amanhã, outras curiosidades, outros pontos de vista, outra possibilidade se juntarão ainda. Será que um sociólogo me compreenderá melhor — dado que êle tende, à semelhança dos filósofos, a conceber a história como uma disciplina de regras e métodos perfeita e imutavelmente definidos — se eu acrescentar que há tantas maneiras, discutíveis e discutidas, de abordar o passado, como atitudes para encarar o presente? Mais: que a história pode inclusivamente ser considerada como um certo estudo do presente?

Dito isto, previno que é inútil esperar encontrar aqui resposta, ou sequer uma tentativa de resposta, às habituais perguntas sôbre as relações entre história e sociologia; ou um seguimento à querela, sempre retomada e sempre diferente, entre êstes vizinhos que não podem ignorar-se nem conhecer-se perfeitamente e que, nas suas disputas, quando se definem, o fazem sempre unilateralmente. Há falsas polémicas, como há falsos problemas. Em todo o caso, o diálogo entre o sociólogo e o historiador é quase sempre um falso diálogo. Quando François Simiand argumenta contra Charles Seignobos, julga estar falando com a história, e afinal é com uma certa história que êle fala, com aquela que Henri Berr batizou de **historizante** (1).

(*) — In *Traité de Sociologie*, publicado sob a direção de Georges Gurvitch, Capítulo IV do volume I, Paris, 1958. (Tradução de Margarida e Joaquim Barradas de Carvalho) (Nota da Redação).

(1) — A célebre polémica travou-se também a propósito do livro de Paul Lacombe, *De l'histoire considérée comme science*, Paris, 1894. O artigo de François Simiand, *Méthode historique et science sociale*, in *Revue de synthèse historique*, 1903, pp. 1-22 e pp. 129-157, sub-intitula-se: *Étude critique d'après les ouvrages récents de M. Lacombe et de M. Seignobos*. Mas a obra de Paul Lacombe não é praticamente posta em causa.

Quando, na mesma época, se opõe a Henri Hauser, tem sem dúvida na sua frente o historiador mais brilhante da sua geração, porém brilhante demais, demasiado hábil advogado, engrenado em sucessos precoces e nas velhas regras do seu ofício. Deveria ter-se dirigido a Paul Lacombe e nêle teria encontrado um adversário à sua medida. Mas, justamente, não haveria com êste o perigo de chegar a um acôrdo?

Ora a polêmica só é possível quando os adversários consentem nela, quando se mostram dispostos a bater-se “de sabre em punho” (2), no dizer de certo historiador que há muito tempo, em 1900, respondia, entre irritado e divertido, a um seu crítico, precisamente Paul Lacombe. Êste apaixonado da história poderia, calculo eu, na sua vontade de fazer uma “história-ciência”, entender-se com François Simiand sociólogo. Bastaria um pouco de atenção. Pois não ia Paul Lacombe, no seu desejo de sair dos bêcos e dificuldades insolúveis do nosso trabalho, até ao ponto de se evadir do tempo?

“O tempo! dizia êle, não é nada em si, objetivamente. Não passa de uma idéia nossa...” (3).

Infelizmente, François Simiand não porá em causa Paul Lacombe senão acidentalmente, e em compensação, irá investir contra outros adversários bem mais irredutíveis. Na verdade, há sempre **uma** história capaz de se conjugar com **uma** sociologia — ou, capazes, ao invés, de se entre-devorarem. Georges Gurvitch (4), no seu mais recente artigo (pelo menos que eu saiba) de polêmica histórico-sociológica recusa entender-se com Henri Marrou, mas talvez se entendesse melhor comigo... E no entanto, ocorreria proceder com cautela: talvez não haja, entre historiador e sociólogo, possibilidade de disputa nem de entendimento perfeito.

I

Primeira e essencial precaução: vamos tentar apresentar a história rapidamente, servindo-nos, porém, das suas definições mais recentes, pois tôda a ciência se define de nôvo, a cada momento, numa procura constante de si própria. Cada historiador é levado forçosamente a sentir as modificações que êle

(2). — Xénopoi, in *Revue de synthèse historique*, 1900, p. 135, n. 2.

(3). — *La science de l'histoire d'après M. Xénopoi*, in *Revue de synthèse historique*, 1900, p. 32.

(4). — *Continuité et discontinuité en histoire et en sociologie*, in *Annales*, E. S. C., 1957, pp. 73-84.

próprio introduz, involuntariamente até, num *míster* flexível, que evolui por si, sob o *pêso* de conhecimentos, de tarefas, de novos interesses e também pelo fato do movimento geral das ciências do homem. Tôdas as ciências sociais se contaminam umas às outras e a história não escapa a êsses contágios... Daí, os seus cambiantes no ser, nas maneiras, ou no aspecto.

Se limitarmos a nossa retrospectiva a êste século, depararemos com dez análises, pelo menos, e com mil retratos da história, sem contar as posições que se esboçam nas próprias obras dos historiadores, mais propensos a julgar que definem melhor as suas interpretações e pontos de vista numa obra do que numa discussão precisa e formal do seu pensamento (o que lhes vale a irônica censura dos filósofos de que os historiadores nunca sabem ao certo a história que fazem)...

No comêço da série, coloquemos, visto que todos o fazem ainda, a clássica **Introduction aux études historiques** de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos (5). A seu lado, registemos o artigo jovem do jovem Paul Mantoux (1903) (6); depois, bem mais tarde, após o clássico de Raymond Aron, **Introduction à la philosophie de l'histoire** (7), ponto de vista de um filósofo àcerca da história, temos o **Métier d'historien** de Marc Bloch (8), obra póstuma e incompleta (certamente bastante diferente daquela que o autor publicaria se a morte não tivesse vindo trágicamente surpreendê-lo). Seguidamente, chegamos aos fulgurantes **Combats pour l'Histoire** de Lucien Febvre, recôlha de artigos feita pelo próprio (9). De passagem, não esqueçamos o breve ensaio de Louis Halphen (10), nem o livro tão vivo de Philippe Ariès (11), nem a apologia existencialista de Éric Dardel (12), nem certo artigo de André Pigniol (13), nem o discurso de Henri Marrou (14), fino e interes-

-
- (5). — Acrescentemos-lhe, de Charles Seignobos, *La méthode historique appliquée aux sciences sociales*, Paris, 1901.
 - (6). — *Histoire et Sociologie*, in *Revue de synthèse historique*, 1903, pp. 121-149.
 - (7). — Paris, 1948, 2a. edição. A primeira edição é de 1938.
 - (8). — *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*, 1a. edição, 1949, Paris (3a. edição, 1959). Sobre êste belo livro, ver a penetrante nota de J. Stengers, Marc Bloch et *l'Histoire*, *Annales E. S. C.*, 1953, pp. 329-337.
 - (9). — Paris, 1953.
 - (10). — *Introduction à l'histoire*, Paris, 1946.
 - (11). — *Le temps de l'histoire*, Paris, 1954.
 - (12). — *Histoire, science du concret*, Paris, 1946.
 - (13). — *Qu'est-ce que l'histoire*, in *Revue de métaphysique et de morale*, 1955, pp. 225-247.
 - (14). — *De la connaissance historique*, 1954. A completar com os belos boletins de H.-J. Marrou, sobre a historiografia, na *Revue historique*, 1953, pp. 256-270; 1957, pp. 270-289.

sante, mas, na minha opinião, talvez demasiado atento em exclusivo aos espetáculos de uma certa história da Antigüidade, e também excessivamente compenetrado do pensamento de Max Weber, e por isso mesmo, preocupado em demasia com a objetividade da história. Objetividade, subjetividade em matéria social: problema que apaixonou o século XIX, descobridor dos métodos científicos, e que suspeitamos não ter hoje a mesma importância. Em todo o caso, não é especificamente nosso: é universal. Releva de uma debilidade do espírito científico que só pode ser dominada, no justo dizer de Henri Marrou, redobrando de prudência e de honestidade. Mas, por favor, não exageremos desmesuradamente o papel do Historiador, mesmo com um H maiúsculo!

Esta curtíssima bibliografia, muito embora abreviada, incompleta, intencionalmente circunscrita à literatura francesa sobre o assunto, permite-nos traçar um panorama das polémicas passadas, que cinge de bastante perto. Mas, em compensação, está longe de representar a multiplicidade atual e profunda da história — e, no entanto, é nessa multiplicidade que reside o essencial. Hoje, a tendência profunda da história consiste, se não me engano, não em escolher entre vias e pontos de vista diferentes, mas em aceitar, em adicionar essas definições sucessivas dentro dos limites das quais se tentou em vão encerrá-la. Porque tôdas as histórias são nossas.

No começo deste século, repetíamos de bom grado, muito depois de Michelet, que a história era a “ressurreição do passado”. Belo tema, belo programa!

A “tarefa da história é comemorar o passado, todo o passado”,

escrevia Paul Mantoux em 1903. Mas vejamos: deste passado, de fato, que retínhamos nós? O nosso jovem historiador de 1903 respondia, sem hesitar:

“O particular, o que não acontece senão uma vez, é do domínio da história” (15).

Resposta clássica, imagem da história que propõem de bom grado, com exclusão de qualquer outra, filósofos e sociólogos. Émile Bréhier, o historiador da filosofia, no decurso das nossas amigáveis discussões, a bordo do navio que nos levava para o Brasil em 1936, não tinha outra opinião. O que se repetia na vida do passado era, para êle, do domínio da sociologia, per-

(15). — Artigo citado, p. 122.

tência à loja dos nossos vizinhos. Portanto, nem todo o passado era nosso. Mas não discutamos. Como todo o historiador, eu também me liguei aos fatos singulares, a essas flores de um só dia, tão depressa murchas e que não seguramos duas vezes entre os nossos dedos. Mais: creio que há sempre, numa sociedade, viva ou morta, milhares e milhares de singularidades. E sobretudo, se apreendermos esta sociedade no seu conjunto, podemos afirmar que não repetirá nunca o que ela é no seu todo: oferece-se como um **equilíbrio** provisório, mas original, **único**.

Aprovo pois Philippe Ariès quando êle centra a sua história num reconhecimento das diferenças entre as épocas e as realidades sociais. Mas a história não é somente a diferença, o singular, o inédito — aquilo que não veremos duas vezes. Além de que o inédito nunca é perfeitamente inédito. Coabita com o repetido ou o regular. Paul Lacombe dizia, a propósito de Pavia (24 de fevereiro de 1525), ou melhor de Rocroi (19 de maio de 1643), que certos incidentes destas batalhas

“relevam de um sistema de armamento, de tática, de hábitos e de costumes guerreiros que encontramos em bom número de outros combates da época” (16).

Pavia, é, de certa maneira, o comêço da guerra moderna, um acontecimento, integrado porém numa família de acontecimentos. Na verdade, como acreditar nesta história exclusiva dos acontecimentos únicos? François Simiand (17), concordando com Paul Lacombe, retomava esta afirmação do historiador:

“Não há fato em que não se possa distinguir uma parte de individual e uma parte de social, uma parte de contingência e uma parte de regularidade”.

Assim, desde o comêço dêste século, um protesto, uma dúvida pelo menos se levantava contra uma história restringida aos acontecimentos singulares, e por êste fato prestigioso, contra esta história “linear”, “eventual”, **événémentielle**, acabará por dizer Paul Lacombe.

Ultrapassar o acontecimento, seria ultrapassar o tempo curto que o contém, o da crônica ou do jornalismo — estas tomadas de consciência dos contemporâneos, rápidas, quôtidianas, que tão vivamente nos conservam e comunicam o calor dos acon-

(16). — Ver o artigo já citado, n. 2, p. 84.

(17). — Artigo citado, p. 18.

tecimentos e das existências passadas. O mesmo vale perguntar-mo-nos se, para além dos acontecimentos, não há uma história, inconsciente desta vez, ou melhor, mais ou menos consciente, que, em grande parte, escapa à lucidez dos atores, sejam eles os responsáveis ou as vítimas: fazem a história, mas são por ela arrastados.

Esta procura de uma história não *événementielle* impôs-se de maneira imperiosa ao contacto das outras ciências do homem, contato inevitável (as polémicas são disto a prova) e que, em França, se organizou após 1900, graças à maravilhosa *Revue de synthèse historique* de Henri Berr, cuja leitura, retrospectivamente, é tão emocionante; em seguida, após 1929, graças à vigorosa e efficacíssima campanha dos *Annales*, de Lucien Febvre e Marc Bloch.

A história tratou, desde então, de apreender os fatos que se repetem quanto os singulares; as realidades conscientes quanto às inconscientes. O historiador a partir de então quis ser e passou a ser economista, sociólogo, antropólogo, demógrafo, psicólogo, lingüista... Estas novas ligações de espírito foram, ao mesmo tempo, laços de amizade e de coração. Os amigos de Lucien Febvre e de Marc Bloch, também eles fundadores e animadores dos *Annales*, constituíram um colóquio permanente das ciências do homem, de Albert Demangeon a Jules Sion, os geógrafos, Maurice Halbwachs, o sociólogo, Charles Blondel e Henri Wallon, os psicólogos, François Simiand, o filósofo-sociólogo-economista...

Com eles a história tomou conta, melhor ou pior, mas de maneira decidida, de todas as ciências do humano; quis ser, com os seus chefes de fila, uma impossível ciência global do homem. E neste processo, a história abandonou-se a um imperialismo juvenil, como aliás, e pelas mesmas razões, quase todas as ciências humanas de então, verdadeiras pequenas nações, sonhando, cada uma de per si, tudo devorar, tudo modificar, tudo dominar.

Desde então, a história continuou, nesta linha, a alimentar-se das outras ciências do homem. O movimento não parou. Quando muito, como era de esperar, transformou-se. E' longo o caminho (18) que vem do *Métier d'historien*, testamento de Marc Bloch, aos *Annales* do após guerra, dirigidos na realidade exclusivamente por Lucien Febvre. Os historiadores, bem pouco preocupados com métodos e orientações, mal terão

(18). — Veja-se quanto parecerá prudente, e como se fôsse de outra época, o artigo de Jean Meuvret, *Histoire et Sociologie*, in *Revue historique*, 1938

notado êste processo. No entanto, após 1945, a questão pôs-se de nôvo: qual o papel, a utilidade da história? Deveria ser apenas, o estudo exclusivo do passado? Se, para os anos passados, ela se empenhava em ligar o feixe de tôdas as ciências do homem, não lhe traria êste fato inevitáveis conseqüências? No seu âmbito, ela subsumia tôdas as ciências do homem. Mas, pergunta-se: onde pára o passado?

Tudo é história, diz-se com um sorriso. Últimamente, Claude Lévi-Strauss escrevia ainda:

“Pois que tudo é história, o que foi dito ontem é história, o que foi dito há um minuto é história” (19).

Eu acrescentarei, o que foi dito, ou pensado, ou feito, ou somente vivido. Mas se a história, omnipresente, põe em causa o social no seu todo, é sempre a partir dêste movimento do tempo que, sem cessar, arrasta a vida, furtando-a a ela própria, extinguindo e reacendendo as suas chamas. A história é uma dialética da duração, o que a torna estudo do social, de todo o social, e portanto do passado, e portanto também do presente, um e outro inseparáveis. Lucien Febvre disse-o e repetiu-o durante os últimos dez anos da sua vida:

“A história, ciência do passado, ciência do presente”.

Há de entender-se que o autor dêste capítulo, herdeiro dos *Annales* de Marc Bloch e Lucien Febvre, se sinta numa posição muito especial para enfrentar de “espada em punho”, o sociólogo que lhe censure, ou de não pensar como êle, ou de pensar demasiado como êle. A história apresenta-se-me como uma dimensão da ciência social, fazendo corpo com ela. O tempo, a duração, a história, impõem-se de fato, ou deveriam impor-se a tôdas as ciências do homem. As suas tendências não são de oposição, mas de convergência.

II

Já escrevi (20), um pouco contra Georges Gurvitch, que a sociologia e a história eram uma só aventura do espírito, não o reverso e o verso de um mesmo tecido, mas o tecido em si próprio, em tôda a espessura dos seus fios. Esta afirmação, bem entendido, é discutível e não deve ser seguida inteiramente.

(19). — *L'anthropologie structurale*, Paris, 1958, p. 17.

(20). — *Annales*, E. S. C., 1957, p. 73.

Corresponde em mim a um desêjo de unificação, autoritário até, das diversas ciências do homem, no propósito de as submeter menos a um mercado comum do que a uma problemática comum que as libertaria de muitos falsos problemas, de conhecimentos inúteis, e prepararia, depois das eliminações e precisões que se impõem, uma futura e nova divergência, capaz então de ser fecunda e criadora. Impõe-se um nôvo lançamento das ciências do homem.

Não se pode negar que freqüentemente a história e a sociologia se encontram, se identificam, se confundem. As razões são simples: por um lado, existe um imperialismo, um entumecimento da história; por outro uma identidade de natureza: a história e a sociologia são as únicas ciências **globais** susceptíveis de estender a sua curiosidade a qualquer aspecto do social. A história é síntese, é orquestra, na medida em que ela é tôdas as ciências do homem no imenso domínio do passado. E se o estudo da duração **sob tôdas as suas formas** lhe abre, como eu penso, as portas do atual, nesse caso ela está em todos os lugares do festim. E ali se encontra regularmente ao lado da sociologia, que é também síntese por vocação, e que a dialética da duração obriga a voltar-se para o passado — quer ela queira ou não.

Ainda que, segundo a velha fórmula, se considere a sociologia como a

“ciência dos fatos cujo conjunto constitui a vida coletiva dos homens”,

ainda que, por predileção a vejamos à procura das novas estruturas que se elaboram no calor e na complexidade da vida atual — não será que tudo do social vai depender da sua curiosidade e do seu julgamento? O coletivo, ou temos de o separar do individual, ou iremos encontrá-lo no individual: dicotomia que não pode ser esquivada. O nôvo, mas não há nôvo senão em relação ao velho e que nem sempre quer morrer no fogo do atual onde tudo arde, a lenha nova, a lenha velha, esta não mais depressa do que aquela.

Em consequência, o sociólogo, nos estaleiros e nos trabalhos da história, não pode estar deslocado: ali encontra os seus materiais, os seus utensílios, o seu vocabulário, os seus problemas, até as suas incertezas. Evidentemente, a identidade não é completa e muitas vêzes é dissimulada: há o jôgo das formações, das aprendizagens, das carreiras, das heranças, a contextura do mister, as diferentes técnicas de informação que im-

põem a variedade das fontes documentais (mas isto é verdadeiro na própria história: o estudo da Idade Média, o do século XIX, exigem uma atitude diferente perante o documento). A história, se assim nos podemos exprimir, é um dos ramos menos estruturados da ciência social, e portanto dos mais flexíveis, dos mais abertos. As ciências sociais, em nós, estão talvez presentes mais vêzes ainda do que na própria sociologia, a qual tem no entanto a vocação de as conter a tôdas. Há uma história econômica cuja riqueza envergonha, estou disso seguro, a magra e anêmica sociologia econômica. Há uma maravilhosa história geográfica e uma vigorosa geografia histórica que não podem comparar-se com a ecologia miudinha dos sociólogos. Há uma demografia histórica (que se não fôr histórica, não poderá existir) ao lado da qual a morfologia social é coisa de somenos. Há também uma história social, medíocre, mas que nada teria a ganhar no contacto com os maus estudos da sociologia tipológica (para não dizer o que seria pleonasmos: a sociologia social). E é muito provável que a história quantitativa, na linha dos programas de Ernest Labrousse e dos seus discípulos (**Congresso Histórico de Roma, 1955**), vá, no domínio do estudo das classes sociais tomar um avanço decisivo sôbre a sociologia abstrata, demasiado preocupada, na minha opinião, com o conceito de classes sociais em Marx ou nos seus êmulos.

Mas paremos aqui. Seria demasiado fácil de fazer corresponder, têrmo a têrmo, o que tentam os sociólogos e o que nós, historiadores, fazemos; a sociologia do conhecimento e a história das idéias; a micro-sociologia e a sociometria por um lado, e por outro, a história de superfície, dita *événémentielle*, esta micro-história em que são vizinhos o *fait divers* e o grande acontecimento, explosivo, **sociodrama** para dizer a verdade, e que pode estender-se às dimensões de uma nação ou de um mundo... A partir de certo ponto, não vejo mesmo, com nitidez, a diferença que pode existir entre estas atividades contíguas, entre a sociologia da arte e a história da arte, entre a sociologia do trabalho e a história do trabalho, a sociologia literária e a história literária, entre a história religiosa ao nível de Henri Brémond e a sociologia religiosa ao nível excepcionalmente brilhante de Gabriel Le Bras e dos seus discípulos... E as diferenças, quando existem, não poderiam desaparecer se levarmos em conta o maior ou menor brilho dos autores? Poderemos dizer que o historiador não está suficientemente atento aos sinais sociais, aos símbolos, aos papéis so-

ciais regulares e subjacentes. Mas numerosos exemplos provam-nos que um pequeno esforço bastaria para que o historiador veja estes problemas surgir sob os seus próprios olhos. Trata-se de desníveis, de faltas de atenção, e não de imperativos ou de exclusivos do seu trabalho.

Outro indício fraternal destas correspondências: o vocabulário tende a identificar-se de uma ciência à outra. Os historiadores falam de crise **structurale**; os economistas de crise **structurelle**, Lévy-Strauss volta àquêlê têrmo no seu último livro a **Anthropologie structurale** (21). Diremos também **conjunctural**, que soa mal, ou **conjuncturel**? **Événémentiel**, criação de Paul Lacombe (que hesitava, como já dissemos, entre **éventuel** e **événémentiel**), têrmo adotado por François Simiand, e que nos últimos dez anos tornou a aparecer entre os historiadores, gira desde então numa órbita comum. A palavra **patamar** saiu do pensamento de Georges Gurvitch e aclimatou-se como pôde entre nós. Diremos que há **patamares** da realidade histórica, melhor ainda, **patamares** da explicação histórica, e por conseguinte, **patamares** que tornam possíveis o entendimento ou a polémica histórico-sociológica: para a disputa ou para a reconciliação bastará mudar de andar...

Mas deixemos êste jôgo que seria bem fácil continuar. Mais vale mostrar o seu interêsse. O vocabulário é o mesmo, ou torna-se o mesmo, porque cada vez mais a problemática é a mesma, sob o signo cômodo de duas palavras de momento vitoriosas: **modêlo** e **estrutura**. O modêlo fêz a sua aparição nas águas vivas da história, "utensílio artesanal", mas ao serviço das mais ambiciosas tarefas; a ou as estruturas assediam-nos: fala-se demais em **estruturas**, mesmo nos **Annales**, dizia Lucien Febvre (22) no decurso de um dos seus últimos escritos. De fato, a ciência social deve, custe o que custar, construir o modêlo, a explicação geral e particular do social, substituir, a uma realidade empírica e desconcertante, uma imagem que seja mais clara, mais fácil de explorar cientificamente. Tem de escolher, truncar, reconstruir, dosear, aceitar as contradições e até quase procurá-las. O social tem ou não esta estrutura por andares, "folheada", para retomar a palavra do Dr. Roumequère (23)? Será que a realidade muda

(21). — Obra citada, Paris, 1958.

(22). — Prefácio a Huguette e Pierre Chaunu, *Séville et l'Atlantique*, tomo I, p. XI. "E depois estruturas? Têrmo na moda, sei-o bem; a meu gôsto até nos próprios *Annales* se exhibe por vêzes demais".

(23). — Colóquio da Ecole des Hautes Etudes, VIa. Secção, sôbre as estruturas, resumo datilografado, 1958.

a cada andar ou patamar? Sendo assim, é descontínua “na vertical”. E’ ela estruturada em tôda a sua espessura, ou só numa certa espessura? Fora dos duros envelopes das estruturas situar-se-iam zonas livres, não organizadas da realidade. O estruturado e o não estruturado, osso e carne do social. Mas será que o movimento que arrasta a sociedade é também estruturado, se assim se pode dizer, segundo o esquema de uma estrutura batizada de “dinâmica”? Ou, se quisermos, haverá uma regularidade nas fases necessariamente repetidas em todos os fenômenos de evolução histórica? O “movimento da história” não agiria às cegas...

Na verdade, êstes problemas ligam-se e encadeiam-se ou deveriam ligar-se e encadear-se. Neste caso, por paradoxo aparente, o historiador seria talvez mais simplificador do que o sociólogo. Pode com efeito pretender à vontade, e levado ao extremo, que o atual é também do seu domínio: o certo é que o estuda menos e pior do que o social passado, decantado, simplificado por mil razões que é inútil acentuar. O presente, pelo contrário, é um apêlo ao múltiplo, ao complicado, ao “pluridimensional”. Êste apêlo, entende-o êle talvez, percebe-o êle menos bem que o sociólogo, observador das efervescências do atual?

III

Dêste esboço panorâmico ressalta uma impressão de analogia, de identidade bastante nítida. Os dois misteres no seu conjunto, têm os mesmos limites, a mesma circunferência. Pouco importa se o setor histórico está aqui melhor cultivado, e além o setor sociológico: um pouco de atenção ou de trabalho e êstes domínios corresponder-se-iam melhor e conheceriam sem dificuldade os mesmos sucessos.

Esta analogia só poderia ser rejeitada — e ainda assim seria duvidoso — no caso do sociólogo não admitir a intrusão do historiador no atual. Mas seria possível, depois disso, reduzir tôdas as nossas oposições a um duvidoso contraste entre o passado e o presente? Dêstes dois vizinhos, um introduz-se no passado, o qual, ao fim e ao cabo não constitui o seu domínio específico, em nome, admitamô-lo, da repetição; o outro penetra no presente em nome de uma duração criadora de estruturas e destruturações, e também de permanências.

Repetição e comparação por um lado, duração e dinamismo pelo outro, são tomadas de contacto com o real, utensílios que cada um pode utilizar. Entre o real vivido e o real que se

vive ou se vai viver, o limite é assim tão nítido? Os primeiros sociólogos sabiam bem que o atual não aguentava senão uma parte da sua construção. Somos obrigados, dizia François Simiand,

“a procurar os fatos e os casos de experiência na relação do passado da humanidade” (24).

Creio menos ainda numa oposição de estilos. E' a história mais continuista, a sociologia mais discontinuista? Houve quem o defendesse, mas eis aqui uma questão mal posta! Seria preciso, para nisto ver claro, confrontar as próprias obras, ver se estas oposições são internas ou externas às nossas tarefas respectivas. Não esqueçamos, além do mais, que a discontinuidade, hoje, não faz mais do que abordar claramente a reflexão histórica. Marc Bloch por ter pôsto prematuramente o grande problema, no limiar da guerra de 1939, desencadeou uma das mais vãs discussões que até agora ocupou os historiadores.

Na verdade, cada historiador tem o seu estilo, tal como cada sociólogo. Georges Gurvitch leva até ao excesso e ao escrúpulo o seu desêjo de uma sociologia complicada, hiper-empírica, à imagem de uma realidade que êle julga, não sem razão, extremamente rica. C. Lévi-Strauss afasta, destrói esta riqueza para descobrir a linha profunda, mas estreita, das permanências humanas. Seremos obrigados a escolher e a decidir qual é dos dois o sociólogo? Questão de estilo, repito-o, e de temperamento. Lucien Febvre teve também a preocupação dessa riqueza, do que é diverso, e o seu estilo como a duas vozes, mais e melhor do que qualquer outro, adaptou-se a êsses arabescos complicados, sempre retomados por puro prazer. Fustel é muito mais simples, preocupando-se com a linha traçada de um só movimento da mão. Michelet explode em múltiplas linhas. Pirenne ou Marc Bloch podem ser considerados bastante mais continuistas que Lucien Febvre. Mas, tanto quanto aos seus temperamentos, não será isto devido também ao espetáculo que contemplam: uma Idade Média ocidental em que o documento se furta? Com o século XV e mais ainda com o XVI levantam-se mil vozes que antes não se tinham feito ouvir. A grande loquacidade da época contemporânea começa. Em resumo, para mim não há um estilo da história de que ela não saberia sair. Outro tanto posso dizer para a sociologia. Durkheim é de uma simplicidade autoritária, linear. Halbwachs, com as suas

(24). — Artigo citado, p. 2.

classificações definitivas, também. Marcel Mauss é mais complexo, mas já não o lemos; o seu pensamento chega-nos através dos seus discípulos, revelando-se-nos ainda vivo nas diretivas da investigação atual.

Em suma, as diferenças que procuramos, na nossa posição intermédia não se regem por estas fórmulas ou distinções fáceis. O debate (ou melhor: o nosso inquérito, pois não se trata de reacender uma polémica), tem de ser levado ao próprio âmago da história, primeiro aos diversos patamares do conhecimento e do trabalho histórico, em seguida, ao que constitui a linha da duração, dos tempos e temporalidades da história.

IV

A história situa-se em patamares diferentes; eu distinguiria de bom grado três patamares, mas não passa de uma maneira de falar, simplificando muito. São dez, cem patamares que seria preciso pôr em causa, dez, cem durações diferentes. À superfície, uma história *événémentielle* inscreve-se no tempo curto: é uma micro-história. A meia encosta, uma história conjuntural segue um ritmo mais largo e mais lento. Este ritmo tem sido sobretudo estudado no plano da vida material, dos ciclos ou interciclos económicos. (A obra prima desta história é o livro de Ernest Labrousse (25) sobre a crise, na realidade meio-interciclo (1774-1791), que serve de rampa de lançamento à Revolução francesa). Para além deste “recitativo” da conjuntura, a história estrutural, ou de longa duração, põem em causa séculos inteiros; esta história está no limite daquilo que se move e do imóvel, e, pelos seus valores muito tempo fixos, faz figura de qualquer coisa que não varia em relação às outras histórias, mais vivas a correr e a realizar-se, e que, em suma, gravitam à volta desta.

Em resumo, três séries de níveis históricos, com os quais, infelizmente, a sociologia não está ainda em contacto. Ora, nestes níveis diferentes, o diálogo com a história não poderia ter o mesmo aspecto, ou pelo menos a mesma animação. Existe, sem dúvida, uma sociologia da história e do conhecimento histórico em cada um destes três níveis, mas esta sociologia está por construir. Nós, historiadores, não podemos por agora senão imaginá-la.

Uma sociologia do *événémentiel* seria o estudo destes mecanismos apressados, sempre a postos, nervosos, que registam,

(25). — *La crise de l'économie française à la veille de la Révolution*, Paris, 1944.

dia a dia, a dita história do mundo em vias de se fazer, esta história, em parte abusiva, na qual os acontecimentos se ligam uns aos outros, se comandam, na qual os grandes homens são vistos regularmente como chefes de orquestra autoritários. Esta sociologia do *événementiel* seria também a retomada do diálogo antigo (o repetido, o inédito); seria igualmente a confrontação da história tradicional por um lado, da micro-sociologia e da sociometria por outro: serão estas, como eu penso, e porquê, mais ricas que a história superficial? Como determinar o lugar dêste largo lençol de história no complexo de uma sociedade em luta com o tempo? Tudo isto transcende, se me não engano, as querelas antigas. O *fait divers* (senão o acontecimento, êste sociodrama) é repetição, regularidade, multidão, e nada diz, de maneira absoluta, que o seu nível seja desprovido de fertilidade, ou de valor científico. Seria preciso ver esta questão de perto.

Se, a propósito do acontecimento, a nossa imaginação sociológica não falha em nada, em contrapartida, tudo está por fazer, ia mesmo a dizer, por inventar, no que diz respeito à conjuntura, esta personagem ignorada, ou quase, da sociologia. Mas é ela ou não suficientemente forte para mexer as coisas em profundidade, favorecer ou desfavorecer as ligações coletivas, apertar estas, preparar, quebrar aquelas? François Simiand não fez senão esboçar uma sociologia do tempo conjuntural segundo o fluxo e refluxo da vida material. O desenvolvimento (a fase A) e a facilidade que êle oferece pelo menos em certos setores, manterá ou não os jogos sociais e as estruturas no lugar? Com o refluxo de cada fase B, a vida material (e não somente esta, claro está) reestrutura-se, procura outros equilíbrios, inventa-os, mobiliza forças engenhosas, ou pelo menos deixa-lhe campo livre... Mas, nestes domínios, os trabalhos dos historiadores e dos economistas não acumularam ainda dados suficientes, nem imaginaram suficientes quadros válidos, para que se retome, ou se prolongue o esboço de Simiand. No entanto, a história conjuntural não será completa senão quando à conjuntura econômica se acrescente o estudo da conjuntura social e das outras situações concomitantes do recuo ou do desenvolvimento. E' o entrecruzar das conjunturas simultâneas que será sociologia eficaz...

No plano da história de longa duração, história e sociologia não se tornam a juntar, não se ajudam, e seria dizer muito pouco, pois neste plano história e sociologia confundem-se. A longa duração, é a história interminável, que nunca se gasta,

das estruturas e grupos de estruturas. Para o historiador, uma estrutura não é somente arquitetura, reunião, é permanência e muitas vêzes mais que secular (o tempo é estrutura): esta grande personagem atravessa imensos espaços de tempo sem se alterar; se se deteriora nesta longa viagem, recompõe-se durante o caminho, recupera a sua saúde, e finalmente, os seus traços não se alteram senão lentamente...

Pretendi mostrar (26), não me atrevo a dizer demonstrar, que tôdas as novas investigações de Claude Lévi-Strauss — comunicação e matemáticas sociais misturadas — não são coroadas de sucesso senão quando os seus **modelos** navegam nas águas da longa duração. Qualquer que seja a abertura escolhida para o seu caminhar — a micro-sociologia ou qualquer outro andar — é somente quando atinge êste rez-do-chão do tempo, meio ensonado, que a estrutura se separa: ligações primitivas de parentesco, mitos, cerimoniais, instituições, relevam do mais lento fluxo da história. A moda, entre os físicos, é de falar de **apesanteur**. Uma estrutura é um corpo subtraído à gravidade, à aceleração da história.

Mas o historiador fiel ao ensino de Lucien Febvre e de Marcel Mauss quererá sempre apreender o conjunto, a **totalidade** do social. Ei-lo levado a aproximar andares, durações, tempos diversos, estruturas, conjunturas, acontecimentos. Êste conjunto reconstitui aos seus olhos um equilíbrio global bastante precário e que não se pode manter sem constantes ajustamentos, choques ou escorregamentos. Na sua totalidade, o social a contas com o seu futuro é idealmente, a cada corte **sincrônico** da sua história, uma imagem sempre diferente, ainda que esta imagem repita mil detalhes e realidades anteriores. Quem o negaria? A idéia de uma estrutura global da sociedade inquieta e incomoda o historiador, mesmo se, entre estrutura global e realidade global, subsiste, como é normal, uma diferença considerável. O que, no debate, o historiador quereria salvar, é a incerteza do movimento da massa, as suas possibilidades diversas de escorregamento, liberdades, certas explicações particulares, “funcionais”, filhas do instante ou do momento. Neste estádio da “totalidade” — não me atrevo a dizer da “totalização” — no momento, em suma, de pronunciar a última palavra, o historiador voltaria assim para as posições anti-sociológicas dos seus mestres. Tôda a sociedade, ela também, é única, mesmo se muitos dos seus materiais são antigos; ela explica-se fora do

(26). — F. Braudel, *Histoire et sciences sociales: la longue durée*, Annales, E. S. C., 1958, 4.

seu tempo, sem dúvida, mas também no interior do seu próprio tempo; ela é bem segundo o próprio espírito de Henri Hauser e de Lucien Febvre “filha do seu tempo”, o tempo, bem entendido, que a engloba; função dêste tempo e não somente das durações que ela compartilha com as outras experiências sociais.

V

Deixei-me prender a ilusões fáceis? Mostrei o mister de historiador ultrapassando os seus limites antigos, pondo em causa o campo mesmo, ou pouco falta, da ciência social, levando a sua curiosidade em tôdas as direções. Com o começo dêste século para a psicologia: é a época em que Werner Sombart afirma que o capitalismo é em primeiro lugar espírito. (Bem mais tarde, sempre nesta mesma linha de conquista, Lucien Febvre falará de utensilagem mental...). Depois, cêrca dos anos 30, vemos a economia política *conjuncturelle* que François Simiand revela aos historiadores franceses. E, desde há muito, a geografia... Poderemos fazer notar quão pouco o marxismo avultou no nosso mister. Mas, assim mesmo, as suas infiltrações, as suas tentações, as sua influências, foram múltiplas e fortes: faltou apenas, neste primeiro século XX uma obra prima de história marxista que tivesse servido de modelo e de polo de atração: nós esperamô-la ainda. Esta enorme influência teve portanto o seu papel entre as numerosas transformações do nosso mister que obrigaram o historiador a libertar-se dos seus hábitos, a ganhar outros, a sair dêle próprio, daquilo que aprendeu, até dos seus êxitos pessoais.

Para estas migrações e metamorfoses, há no entanto um limite secreto, exigente. O historiador não sai nunca do tempo da história: êste tempo agarra-se ao seu pensamento, como a terra à pá do jardineiro. Sonha, na verdade, escapar-se. A angústia de 1940 ajudando, Gaston Roupnel (27) escreveu a êste propósito, palavras que fazem sofrer todo o historiador sincero. Já citei também a antiga reflexão de Paul Lacombe, historiador:

“o tempo nada é em si, objetivamente”... (28).

Mas trata-se aqui de verdadeiras evasões? Lutei pessoalmente muito, no decurso de um cativoiro bastante moroso, pa-

(27). — *Histoire et destin*, Paris, 1943, passim.

(28). — Ver a obra citada.

ra escapar à crônica dêstes anos difíceis (1940-1945). Recusar os acontecimentos e o tempo dos acontecimentos, era pôr-se à margem, ao abrigo, para os ver um pouco de longe, julgá-los melhor, e não acreditar muito nêles. Do tempo curto, passar ao tempo menos curto e ao tempo muito longo (se êle existe, êste último não pode ser senão o tempo dos *sages*), e depois, chegado a êste ponto, parar, tudo considerar de nôvo e reconstruir, ver tudo andar à roda de si: a operação tem de quê tentar um historiador.

Mas estas fugas não o atiram definitivamente para fora do tempo do mundo, do tempo da história, imperioso porque irreversível e porque corre no mesmo ritmo em que a terra gira. De fato, as durações que nós distinguimos são solidárias umas das outras: não é tanto a duração que é criação do nosso espírito, mas as divisões desta duração. Ora êstes fragmentos juntam-se no têrmo do nosso trabalho. Longa duração, conjuntura, acontecimento, ligam-se sem dificuldade porque todos se medem por uma mesma escala. Do mesmo modo, participar em espírito num dêstes tempos, é participar em todos. O filósofo, atento ao aspecto subjetivo, interior da noção de tempo, nunca sente êste pêso do tempo da história, de um tempo concreto, universal, tal como êste tempo da conjuntura que Ernest Labrousse desenha no limiar do seu livro como um viajante por tôda a parte idêntico a si mesmo, que corre o mundo, impõe sempre da mesma maneira as suas violências, qualquer que seja o país em que desembarca, o regime político ou a ordem social que investe.

Para o historiador, tudo começa, tudo acaba, pelo tempo, um tempo matemático e demiurgo, de que seria fácil sorrir, tempo como que exterior aos homens, que os empurra, os constrange, apodera-se de seus tempos particulares, de côres diversas: o tempo imperioso do mundo.

Os sociólogos, bem entendido, não aceitam esta noção demasiado simples. Estão muito mais próximos da *Dialectique de la durée*, tal como a apresenta Gaston Bachelard (29). O tempo social é simplesmente uma dimensão particular de tal realidade social que eu contemplo. Interior a esta realidade, como pode sê-lo a tal indivíduo, é um dos sinais — entre outros — de que ela se reveste, uma das propriedades que a marcam como um ser particular. O sociólogo não é incomodado por êste tempo complacente que êle pode cortar à vontade, represar,

(29). — 2a. edição, 1950.

repor em movimento. O tempo da história prestar-se-ia menos ao ágil duplo jôgo da sincronia e da diacronia: não permite imaginar a vida como um mecanismo do qual podemos parar o movimento para apresentar dêle, a nosso prazer, uma imagem imóvel.

Êste desacôrdo é mais profundo do que parece: o tempo dos sociólogos não pode ser o nosso; a estrutura profunda do nosso mister, senão me engano, repugna-lhes. O nosso tempo é medida, como o dos economistas. Quando um sociólogo nos diz que uma estrutura não cessa de se destruir para se reconstituir, nós aceitamos de boa vontade a explicação que a observação histórica na verdade confirma. Mas desejaríamos, no eixo das nossas exigências habituais, saber a duração precisa dêsses movimentos, positivos ou negativos. Os ciclos econômicos, fluxó e refluxo da vida material, medem-se. Uma crise *structurelle* social deve também localizar-se no tempo, através do tempo, situar-se exatamente, por ela própria e mais ainda relativamente aos movimentos das estruturas concomitantes. O que interessa apaixonadamente um historiador, é o entrecruzamento dêstes movimentos, a sua interação, e os seus pontos de ruptura: tôdas coisas que não podem registrar-se senão em relação ao tempo uniforme dos historiadores, medida geral de tôdos êstes fenômenos, e não em relação ao tempo social multi-forme, medida particular de cada um dêstes fenômenos.

*

* *

Estas reflexões “à contrepied”, serão formuladas por um historiador, com razão ou sem ela, mesmo quando êle penetra na sociologia acolhedora, quase fraternal de Georges Gurvitch. Um filósofo (30) não o definia ainda ontem como aquêle que

“encosta a sociologia à história”?

Ora, mesmo em Georges Gurvitch, o historiador não reconhece nem as suas durações, nem as suas temporalidades. O vasto edifício social de Georges Gurvitch organiza-se segundo cinco arquiteturas essenciais: os patamares em profundidade, as sociabilidades, os grupos sociais, as sociedades globais, os tempos; êste último andaime, o das temporalidades, o mais nô-

(30). — Gilles Granger, *Événement et structure dans les sciences de l'homme*, Cahiers de l'Institut de Science économique appliquée, Série M, n.º 1, pp. 41-42.

vo, sendo também o último a ser construído e como que acrescentado ao conjunto.

As temporalidades de Georges Gurvitch são múltiplas. Distingue toda uma série: o tempo de longa duração e ao **ralenti**, o tempo **trompe-l'oeil** e o tempo surpresa, o tempo de pulsação irregular, o tempo cíclico ou de dança no mesmo lugar, o tempo em atraso sobre êle próprio, o tempo de alternância entre atraso e avanço, o tempo em avanço sobre êle próprio, o tempo explosivo (31) . . . Como é que o historiador se havia de deixar convencer? Com toda esta gama de côres, ser-lhe-ia impossível reconstituir a luz branca unitária que lhe é indispensável. Êle apercebe-se depressa, também, que êste tempo camaleão apenas marca, com um sinal suplementar, com uma dedada de côr, as categorias anteriormente distinguidas. Na fortaleza do nosso amigo, o tempo, o último a chegar, habita muito naturalmente em casa dos outros; toma as dimensões dêstes domicílios e das suas exigências, segundo os patamares, as sociabilidades, os grupos, as sociedades globais. E' uma maneira diferente de reescrever, sem as modificar, as mesmas equações. Cada realidade social segrega o seu tempo ou as suas escalas de tempo, como conchas. Mas que ganhamos, nós historiadores, com isto? A imensa arquitetura desta sociedade ideal fica imóvel. A história está dela ausente. O tempo do mundo, o tempo histórico está ali como o vento em Eole, encerrado num odre. Não é contra a história que são, finalmente e inconscientemente, os sociólogos, mas contra o tempo da história — esta realidade que permanece violenta, mesmo se procuramos arrumá-la, diversificá-la, êste constrangimento ao qual o historiador não escapa nunca. Os sociólogos a êle escapam quase sempre: evadem-se, ou no instante, sempre atual, como que suspenso acima do tempo, ou nos fenômenos de repetição que não são de nenhuma época; portanto, por um procedimento oposto do espírito que os prende, seja ao mais estrito **événémentiel**, seja à mais longa duração. E' lícita esta evasão? Eis aqui o verdadeiro debate entre historiadores e sociólogos.

VI

Não creio que seja possível fazer desaparecer ou esquivar a história. E' necessário que o sociólogo tome êste fato em consideração. A filosofia (donde êle vem e onde êle fica) prepa-

(31). — Cf. Georges Gurvitch, *Déterminismes sociaux et liberté humaine*, Paris, 1955, pp. 38-40 e *passim*.

ra-o demasiado bem para não sentir esta necessidade concreta da história. As técnicas da investigação do atual arriscam-se a consumir êste afastamento. Todos êstes investigadores do que está vivo, um pouco apressados e que estão ainda em contacto direto com os seus objetos de investigação, farão bem, igualmente, em desconfiar de uma observação rápida, superficial. Uma sociologia *événémentielle* enche as nossas bibliotecas, as pastas dos governos e das emprêsas. Longe de mim a idéia de me insurgir contra esta voga ou de a declarar inútil. Mas cientificamente que pode ela valer, se não regista o sentido, a rapidez ou a lentidão, a ascensão ou a queda do movimento que arrasta todo o fenómeno social, se não se liga ao movimento da história, à sua dialética incisiva que corre do passado ao presente e até ao próprio futuro?

Eu desejaria que os jovens sociólogos guardassem, durante os anos de aprendizagem, o tempo necessário para estudar, mesmo no mais modesto dos arquivos, a mais simples das questões de história; desejaria que os jovens sociólogos tivessem, uma vez pelo menos, fora dos manuais esterilizantes, um contacto com um mister simples, mas que só se compreende praticando-o — afinal como todos os outros misteres. Não haverá ciência social, no meu entender, senão numa reconciliação, numa prática simultânea dos nossos diversos misteres. Atirá-los um contra o outro — coisa fácil — mas esta disputa desenrolar-se-á numa atmosfera bem velha e ultrapassada. E é de uma música nova que nós temos necessidade.

*

* *

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA.

1. — Mais ainda que os livros citados no decurso dêste artigo que ilustram os conflitos entre a história e a sociologia, eu aconselharia aos jovens sociólogos a leitura de certas obras capazes de lhes fazer tomar contacto direto com a história e, mais particularmente, com esta forma de história que é vizinha do seu próprio mister.

Os títulos indicados a seguir são uma seleção entre inúmeras seleções possíveis que variarão sempre segundo os gostos e as curiosidades de cada um.

*

Vidal de la Blache, **La France, tableau géographique**, Paris, 1906.

- Bloch (M.), **Les caractères originaux de l'histoire rurale française**, Paris-Oslo, 1931; **La société féodale**, Paris, 1940, vol. I e vol. II, 2a. ed., 1949.
- Febvre (L.), **Les problèmes de l'incroyance au XVIe. siècle — La religion de Rabelais**, Paris, 1942.
- Dupront, **Le mythe de Croisade. Étude de sociologie religieuse**, Paris, 1956.
- Francastel (P.), **Peinture et Société**, Lyon, 1941.
- Braudel (F.), **La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II**, Paris, 1949.
- Curtius (E.), **Le Moyen Âge latin**. P.U.F.
- Huizinga, **Le déclin du Moyen Âge**, trad. francesa, Paris, 1948.
- Labrousse (E.), **La crise de l'économie française à la veille de la Révolution**, Paris, 1944.
- Lefebvre (G.), **La Grande Peur**, Paris, 1932.
2. — Os estudos metodológicos sobre a história são inúmeros. Lembremos alguns dos já citados:
- Ariès (P.), **Le temps de l'histoire**, Paris, 1954.
- Bloch (M.), **Métier d'historien**, Paris, 1949, 3a. ed., 1959.
- Braudel (F.), **Histoire et sciences sociales: la longue durée**, in *Annales*, E. S. C., 1954.
- Febvre (L.), **Combats pour l'histoire**, Paris, 1953.
- Marrou (H.-J.), **De la connaissance historique**, Paris, 1954.
- Piganiol (A.), **Qu'est-ce que l'histoire?** in *Revue de métaphysique et de morale*, Paris, 1955, pp. 225-247.
- Simiand (F.), **Méthode historique et science sociale** in *Revue de synthèse historique*, 1903, pp. 1-22 e 129-157.

FERNAND BRAUDEL

Professor do Colégio de França